

# Tempos estranhos: etnografando um “futebol digital” de dentro de casa\*

Strange times: ethnographing a “digital football” from home

Tiempos extraños: etnografía del “fútbol digital” desde casa

Walter Reyes Boehl<sup>1</sup>

Mauro Castro Ignácio<sup>2</sup>

Mauro Myskiw<sup>3</sup>



Recebido: 28/08/2024 | Aceito: 05/12/2024

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. email: [walterboehl11@gmail.com](mailto:walterboehl11@gmail.com). ORCID: 0000-0001-9655-4080.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. email: [mauroesef@gmail.com](mailto:mauroesef@gmail.com). ORCID: 0000-0001-7885-9622.

<sup>3</sup> Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. email: [mmyskiw@hotmail.com](mailto:mmyskiw@hotmail.com). ORCID: 0000-0003-4689-3804.

## Resumo

Este estudo explora as transformações do futebol no contexto da pandemia de covid-19, enfatizando sua migração para o ambiente digital e o surgimento do “futebol digital”. A partir de uma abordagem etnográfica, foram analisadas as novas formas de engajamento e interação entre torcedores, jogadores e comentaristas no ambiente virtual. As observações e as entrevistas realizadas revelaram as tensões entre a preservação da autenticidade das práticas futebolísticas e a adoção de novas modalidades de participação mediadas pela tecnologia. Conclui-se que o futebol digital representa uma expansão do campo esportivo, ao integrar

---

\* Artigo de pesquisa. A pesquisa contou com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Brasil, no âmbito da realização da dissertação de mestrado do primeiro autor. Também está vinculada ao Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

práticas tradicionais e inovações digitais, além de levantar questões sobre a essência do esporte e sua capacidade de adaptação às novas realidades.

## Palabras-clave:

futebol, etnografia, covid-19, pesquisa digital.

## Abstract

This study explores the transformations of football in the context of the COVID-19 pandemic, emphasizing the migration to the digital environment and the emergence of “digital football.” Using an ethnographic approach, the new forms of engagement and interaction among fans, players, and commentators in the virtual environment were analyzed. The observations and interviews conducted revealed tensions between preserving the authenticity of football practices and adopting new modalities of participation mediated by technology. The study concludes that “digital football” represents an expansion of the sports field, integrating traditional practices and digital innovations, but also raises questions about the essence of the sport and its ability to adapt to new realities.

## Keywords:

football, ethnography, COVID-19, digital research.

## Resumen

Este estudio explora las transformaciones del fútbol en el contexto de la pandemia de COVID-19, destacando la migración al entorno digital y la aparición del “fútbol digital”. A partir de un enfoque etnográfico, se analizaron las nuevas formas de participación e interacción entre aficionados, jugadores y comentaristas en el entorno virtual. Las observaciones y entrevistas realizadas revelaron tensiones entre la preservación de la autenticidad de las prácticas futbolísticas y la adopción de nuevas modalidades de participación mediadas por la tecnología. El estudio concluye que el “fútbol digital” representa una expansión del campo deportivo, integrando prácticas tradicionales e innovaciones digitales, pero también plantea interrogantes sobre la esencia del deporte y su capacidad para adaptarse a las nuevas realidades.

## Palabras clave:

fútbol, etnografía, COVID-19, pesquisa digital.

## Introducción

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto do novo coronavírus configurava uma emergência de saúde pública de importância internacional. Em março de 2020, a OMS classificou a situação como uma pandemia causada pela covid-19. Desde então, o mundo tem enfrentado uma das mais graves crises sanitárias

já observadas, com impactos significativos em diversos setores, especialmente no econômico. Entre os setores mais afetados está o esportivo, particularmente o futebol profissional ou futebol-espetáculo (Damo, 2003), que sofreu com a paralisação das competições e, mesmo após o retorno, com a ausência prolongada de público nos estádios. Além disso, houve a interrupção de pré-temporadas e atividades em centros de treinamento ao redor do mundo, resultando em perdas de receita estimadas em bilhões de euros para os clubes. Assim como em muitas outras áreas econômicas, a crise sanitária causou desemprego e prejuízos no setor esportivo, impactando diretamente as atividades dos empresários de futebol, que lidam com transações de jogadores entre clubes e experimentaram interrupções em suas operações e perdas financeiras.

Para analisar o impacto significativo da pandemia de covid-19 no setor esportivo, adotou-se uma pesquisa etnográfica, por se tratar de uma abordagem teórico-metodológica relevante na Educação Física (Pacheco *et al.*, 2020). A etnografia deve ser compreendida não apenas como uma técnica, mas também como um processo que envolve múltiplas mediações, adaptadas às circunstâncias de cada investigação. Em relação à aplicação da etnografia em meus textos, questiono como integrá-la de forma metodológica. Alguns autores a definem como um método, possivelmente para simplificar a compreensão, enquanto outros a confundem com observação participante ou a veem como um processo meramente descritivo e observacional. No entanto, seguindo a perspectiva de Peirano (2008), que descreve a produção etnográfica como uma teoria viva, assumimos a etnografia na presente análise como uma abordagem teórico-metodológica integrada.

Antes de minha retirada<sup>1</sup> para o ambiente doméstico, a experiência etnográfica aproximou-se do ideal de imersão corporal descrito por Wacquant (2002) no estudo da cultura do boxe, no sentido de vivenciar “de corpo e alma” o universo analisado. No meu caso, a centralidade residia em compreender a cultura dos empresários de futebol, entrelaçada à experiência pessoal de ser pai de um aspirante a jogador, vivendo as alegrias e desafios dessa trajetória. A dimensão física da pesquisa — longas viagens em ônibus apertados, desconforto nas arquibancadas de concreto e proteção sob árvores contra o sol — forneceu percepção sobre os efeitos etnográficos da prática. Em consonância com o ideal de equilíbrio entre conhecimentos nativos e antropológicos (Wagner, 2010), a etnografia é concebida como um produto da interação entre a inventividade do pesquisador e a experiência dos interlocutores, sem se desligar do contexto cotidiano. Assim, enquanto conduzia a pesquisa, participava de um universo regido por regras, arbitrariedades, celebrações e trivialidades, permitindo aos nativos<sup>2</sup> formar suas próprias interpretações sem predeterminar a minha posição como sujeito da observação.

1 Diz respeito ao primeiro autor, que assumiu a posição de etnógrafo imerso e foi responsável pela construção da empiria, a partir de sua presença, de suas relações e de sua circulação cotidiana no campo.

2 Pessoa pertencente ao contexto local, conforme Wagner (2010).

Com o início da pandemia e com o consequente distanciamento físico-social, a minha alternativa foi alinhar uma etnografia ao uso de dispositivos de comunicação remota para manter ativa a pesquisa, conforme as noções de itinerância propostas por Ingold (2012, p. 38). Segundo esse autor, a itinerância “não está confinada dentro de pontos, mas procede ao longo de linhas”, não se restringindo a conectar pontos, mas constituindo-se como um sistema aberto de improvisações, em que a vida social é formada por linhas entrelaçadas e interligadas, configurando uma malha de relações interconectadas. Portanto, a pesquisa foi mantida por meio de sistemas de itinerâncias e malhas, o que permitiu sua continuidade.

Durante o período de isolamento, o material empírico disponível — quase 100 diários de campo, 90 fichas de leitura, mais de uma dezena de entrevistas e diversas produções textuais inacabadas — foi aproveitado para iniciar a escrita etnográfica. Nos primeiros dias, contudo, a atenção se voltou prioritariamente para as notícias sobre a letalidade do vírus, gerando um bloqueio criativo e dificultando a continuidade da pesquisa. Após cerca de dois meses, o interesse retornou para o acompanhamento de notícias esportivas e políticas, assim como para reprises de jogos de futebol, tanto no contexto brasileiro quanto nas movimentações europeias para o retorno do esporte. Esse processo permitiu catalogar acontecimentos e realizar exercícios de escrita, criando uma linha cronológica de eventos globais e regionais, o que retomou a produção textual. Em termos metodológicos, a impossibilidade de “estar lá” fisicamente, como discutido por Geertz (1989), não inviabilizou a pesquisa, uma vez que novas alternativas foram adotadas. Conforme argumenta Claudia Fonseca (2017), o campo etnográfico deve ser considerado flexível, poroso e conectado ao cotidiano do pesquisador, mesmo à distância, permitindo que a imersão e a análise permaneçam consistentes apesar das restrições impostas pela pandemia.

Conforme Stigger (2007), a pesquisa etnográfica requer uma convivência esportiva com o grupo estudado, mas a pandemia forçou a transição do ambiente analógico para o digital; portanto, deve se adaptar a esse ambiente. Silva (2009) argumenta que o trabalho do etnógrafo envolve converter saberes de observação e descrição em fases sincrônicas do andar, ver e escrever, adaptando-se ao ambiente digital. Nesse sentido, a etnografia conectiva ou *ciberetnografia* (De Oliveira, 2018), que inclui ações como curtir, reagir, visualizar, comentar, compartilhar e comunicar por meio das redes sociais, passou a constituir uma nova forma de pesquisa etnográfica, o que levou a um aprendizado e engajamento distintos.

Nesse contexto, este artigo visa não apenas apresentar uma análise cronológica dos eventos no futebol durante períodos adversos, mas também explorar como tais circunstâncias impactaram a dinâmica entre sujeito e pesquisador, objeto e campo de pesquisa, com ênfase na reorganização iminente da trajetória etnográfica em andamento. O desafio central foi adaptar uma etnografia tradicional para um ambiente digital sem comprometer a profundidade oferecida pela imersão etnográfica. Assim, o artigo, além de compor narrativas de um período pandêmico e destacar as contingências e contextos local e global do futebol, especialmente no âmbito econômico, foca na forma como as decisões foram moldadas por tensões globais

inevitáveis. Articula-se, portanto, a partir de dispositivos tecnológicos e esforços intelectuais, uma superação da retirada forçada do campo físico, que, por sua vez, moldava minhas interações, descrições e interpretações no futebol.

## Aproximações Metodológicas

Este artigo nasce da dissertação de mestrado do primeiro autor e tem como fundamento uma etnografia realizada entre 2018 e 2021 em clubes de futebol, escritórios de agentes, competições de categorias de base no Rio Grande do Sul e em outros espaços onde o campo esportivo se faz presente. A pesquisa foi tecida a partir da permanência prolongada nesses contextos, combinando observações diretas, entrevistas e a participação em práticas cotidianas que configuram a vida social do futebol. O primeiro autor, na condição de etnógrafo imerso, não se limitou ao papel de espectador: atravessou as fronteiras entre observar e participar, inscrevendo-se nas relações que buscava compreender. Por isso, a escrita em primeira pessoa surge como recurso metodológico e narrativo, expressão da reflexividade e da experiência vivida em meio aos interlocutores.

A elaboração deste texto, no entanto, não é obra solitária. O último autor, enquanto orientador, acompanhou o processo analítico em suas múltiplas etapas, tensionando leituras, propondo caminhos teóricos e sustentando o rigor metodológico. O segundo autor, como parceiro de pesquisa, participou de debates interpretativos, contribuiu com leituras críticas e ofereceu sugestões que adensaram a análise. Assim, embora a empiria tenha sido construída pela experiência singular do primeiro autor no campo, o resultado que aqui se apresenta é um texto a seis mãos: uma produção coletiva que busca equilibrar a vivência etnográfica com a densidade analítica, articulando experiência e ciência na escrita antropológica.

## Etnografando o futebol no digital

O primeiro caso de infecção por covid-19 no Brasil foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo, envolvendo um homem de 61 anos, com histórico de viagem para a Lombardia, Itália. No mesmo mês, as autoridades brasileiras iniciaram ações governamentais relacionadas à pandemia, incluindo a repatriação de brasileiros de Wuhan, na China. A OMS recomendou medidas de isolamento social para controlar a disseminação do vírus, enquanto ações governamentais globais variaram, com alguns países, como a Inglaterra e os Estados Unidos, inicialmente resistindo a essas medidas devido a preocupações econômicas.

No contexto do futebol mundial, o jogo das oitavas de final da Liga dos Campeões da UEFA entre Atalanta e Valencia, realizado em Bérgamo, Itália, com presença de público, contribuiu significativamente para o aumento de casos infecção no país. O evento foi

denominado “jogo zero” e descrito como uma bomba biológica para o surto. As principais ligas de futebol no mundo foram suspensas progressivamente, e algumas competições, como na Argentina, na França e na Holanda, foram canceladas, enquanto outros países, como Bielorrússia e Cuba, mantiveram suas atividades futebolísticas sem grandes interrupções.

No futebol brasileiro, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) decidiu cancelar ou adiar partidas a partir de 15 de março. A confederação chinesa havia anunciado a suspensão temporária de todas as competições em 30 de janeiro e, na Itália, a interrupção dos jogos no norte do país ocorreu em 24 de fevereiro. No Rio Grande do Sul, o Gre-Nal pela Copa Libertadores da América ocorreu com um público de mais de 50 mil pessoas em 12 de março, enquanto outras partidas no Campeonato Gaúcho foram realizadas com portões fechados. Em 15 de março, a Federação Gaúcha de Futebol (FGF) suspendeu todos os campeonatos sob sua responsabilidade por 15 dias, e a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) tomou a mesma decisão para a Copa Libertadores e Copa Sul-Americana até 5 de maio. A CBF também interrompeu todas as competições nacionais indefinidamente. O cenário para os esportes no Brasil era preocupante, com previsões de grandes perdas financeiras no futebol global.

Em 23 de março, o comunicador Pedro Ernesto Denardin publicou uma coluna destacando a importância do isolamento social, o que gerou controvérsia e críticas nas redes sociais de opositores que consideravam o impacto econômico como uma maior preocupação. Até 4 de abril, o Rio Grande do Sul registrava 418 casos de covid-19. Em 5 de maio, jogadores do Grêmio e do Internacional retornaram aos treinos, e os presidentes de Flamengo e Vasco se encontraram com o então presidente Jair Bolsonaro para discutir o retorno do futebol carioca.

Em 13 de maio, com eventos esportivos suspensos globalmente, entrei em contato com o empresário Reynaldo para verificar a situação dos negócios e das transações nos bastidores do futebol, e ele indicou que os clubes estavam começando a retomar suas atividades internamente. No mesmo dia, conversei com Jeremias, um pequeno empresário de Porto Alegre, sobre a situação das categorias de base do Juventude de Caxias do Sul, que enfrentava dificuldades e incertezas. O período era marcado por intensas especulações sobre o futuro do futebol, com uma ampla discussão nas mídias sobre o “novo normal” para o esporte, enquanto a real dimensão dos impactos futuros permanecia incerta.

Na Itália, em 16 de abril, o total de casos confirmados de covid-19 era de 159.107, com 19.996 mortes e 40.164 recuperações. Como o país havia se tornado um dos epicentros da crise sanitária global, busquei compreender o impacto da pandemia nas categorias de base do futebol local. Para isso, entrei em contato com Renan Maldini, um ítalo-brasileiro residente na Itália, que acompanhava seu filho caçula, Vincenzo, atleta em uma dessas categorias. Maldini, meu conhecido desde 2015, quando nossos filhos atuaram juntos no Internacional, sempre se mostrou uma fonte confiável de informações sobre o futebol europeu. Segundo ele, “[...] um ano atípico, ainda não se sabe quais as consequências. Aqui é assim, muitos patrocinadores



irão se retirar, o que piora muito a situação. Daí ou os donos bancam tudo ou fecham as portas. Bem triste a situação”. Complementou: “[...] o problema são os clubes que irão fechar, não se sabe quantos, mas ao que se noticia aqui, muitos. Muito jogador [ficará] sem clube”. Todos esses dados e relatos de campo foram coletados pelo primeiro autor e estão documentados na dissertação (Boehl, 2021). Em suas palavras, o vírus castigava violentamente todas as formas de organização dos clubes, evidenciando que, apesar de o futebol europeu ser globalmente estruturado, a base estava em risco, com impactos diretos sobre atletas, patrocinadores e sustentabilidade das equipes.

As empresas chinesas além de ser proprietárias de clubes em seu país, costumavam patrocinar o futebol em muitos lugares do planeta. Com a pandemia, viram-se obrigadas a retirar os patrocínios. Desse modo, reconhece-se que a interação entre as partes faz parte do que a socióloga Viviana Zelizer (2012) chama de “trabalho relacional”, em que em todas as relações geradas por sujeitos que adquirem significado e diferenciação é tributário de uma atividade econômica que se correlaciona àquela. No rompimento, percebe-se a incompatibilidade entre as relações de solidariedade e de interesse, objeto de crítica de Viviana Zelizer (2005). Não se trata, entretanto, de uma manifestação mais deliberada, mas um artifício paliativo patrocinado pelo período caótico.

No mesmo dia, contatei Douglas, empresário de futebol oriundo do interior gaúcho, que, em razão do crescimento da sua empresa antes da pandemia, havia se estabelecido em Florianópolis (Santa Catarina, Brasil). Havia tentado falar com ele alguns dias antes, mas não foi possível devido a uma viagem de negócios. A conversa começou com Douglas narrando, de forma muito entusiasmada, uma nova relação de parceria: “Um empresário italiano me chamou esses dias. Quer atletas para levar pra lá [Itália]. Eu encaminhei o Mateus pra ele. Ele procura jogador até os 21 anos”. A partir desse diálogo, refleti sobre os negócios do futebol no contexto da crise sanitária sem precedentes. Se, por um lado, relatos midiáticos apontavam para uma desaceleração econômica global e anunciavam quebras bilionárias em curto prazo, por outro, a experiência direta com o mercado indicava outra realidade: os negócios do futebol continuavam ativos, com transferências e negociações acontecendo normalmente. Ao me aproximar do campo - como recomenda Magnani (2004) para melhor compreensão do fenômeno -, essas notícias positivas se tornaram evidentes, embora as devidas variações entre camadas do mercado devam ser consideradas. Como o futebol-espetáculo é um evento globalizado e interconectado, o fenômeno pode ser analisado a partir da noção de “fato social total”, de Marcel Mauss (2003), em que diversas esferas sociais - economia, política, competição e poder simbólico - estão engendradas.

Dois dias depois, leio na internet a notícia que o irmão do Pep Guardiola<sup>3</sup>, Pere Guardiola, teria estabelecido uma empresa no Brasil, denominada “Media Base Sports”, com o objetivo de gerenciar as carreiras de jogadores e técnicos. Em decorrência dessa informação,

3 Josep Guardiola i Sala é um técnico e ex-futebolista espanhol que atuava como volante. Atualmente comanda o Manchester City da Inglaterra.

procurei novamente o empresário Douglas para obter maiores detalhes sobre essa situação, especialmente considerando que, conforme informado por ele, sua empresa possuía vínculos comerciais estreitos com os Guardiolas. Douglas comentou: “[...] eles estão interessados em clubes de grande porte. A aquisição está bem encaminhada. Eles conversaram com o Atlético Paranaense e o América Mineiro”.

Observa-se que as percepções sobre o futuro da pandemia e suas implicações no futebol podem não estar alinhadas às visões dos interlocutores nativos. Estes tratavam o futuro com uma expectativa de normalização, acreditando que a pandemia seria rapidamente superada e que o mercado do futebol retornaria à normalidade anterior. Os diálogos com Douglas eram consideravelmente mais frequentes em comparação com os demais interlocutores. A comunicação com ele era quase sempre garantida, exceto em situações excepcionais. A relação de cumplicidade era evidente, com Douglas frequentemente buscando informações, como ocorreu em 5 de junho, quando ele me contatou para avaliar a qualidade de um jogador do São José de Porto Alegre, que despertara o interesse de um “amigo empresário” para o agenciamento.

Essa interação exemplifica a dinâmica relacional entre o etnógrafo e o pesquisado, destacando o caráter criativo do trabalho antropológico, conforme enfatizado por Roy Wagner (2010). Wagner destaca a importância da criatividade no trabalho etnográfico e sugere que o encontro etnográfico é um processo inventivo. Esse episódio ilustra o conceito de “ponto de vista” do nativo e reforça a ideia de que tanto o etnógrafo quanto o nativo criam interpretações culturais mutuamente. É possível que, nesse contexto, o nativo não me perceba apenas como etnógrafo, mas como um participante nativo do campo.

Em outro momento, Douglas havia me falado sobre o futuro das agências dos empresários de futebol, em que as maiores engoliriam as menores, mas que a sua empresa não agia assim, que seus negócios se estruturavam em parcerias: “Se tem um jogador que a gente gostou e já tem empresário, vamos propor uma sociedade para o caso. Não vamos tirar jogador de ninguém. Quem ficar ‘roubando’ jogador vai perder espaço nesta área”. A lógica perpassava dos intermediários<sup>4</sup>, o fator financeiro como interesse primordial (Boehl & Myskiw, 2021). A sociedade é feita de negociações, (des)ajustes, (des)arranjos entre pessoas que se justificam tanto por agir quanto por não agir.

Em que pese anunciar o poder do capital simbólico, por sua vez, impregnado nas relações econômicas, evidenciou-se que o mercado dos empresários só existe na base de um intenso e incessante trabalho relacional (Zelizer, 2009), tecendo certa horizontalidade. Portanto, esse comprometimento em manter as relações ajustadas é o que Viviana Zelizer (2009) denomina de “trabalho relacional”, quando conectada vidas, superando a ideia de que solidariedade e dinheiro são esferas de mundo apartados, origina “boas combinações”.

<sup>4</sup> Termo adotado nos estatutos da FIFA e da CBF para identificar a função dos empresários de futebol.



Dez dias depois, contatei o empresário porto-alegrense Cláudio com o interesse em saber como estava a sua atuação quanto aos seus negócios. O empresário foi um dos meus primeiros interlocutores. Seu escritório ficava em uma zona nobre de Porto Alegre; além disso, tinha sociedade com um empresário de reconhecida forte atuação no Brasil e no exterior. Sobre uma de muitas perguntas, Cláudio respondeu que o futebol estava “parado”<sup>5</sup>, que as negociações de transferências de atletas estavam estagnadas. “[...] no máximo ajudando nas renegociações de contratos, ajudando nos acordos”. Assim como para Cláudio, a situação estava para o empresário Edmilson. Para o gaúcho, radicado em Florianópolis, o cenário não estava bom. “Está tudo parado. Ninguém sabe o que vai acontecer. Mas esse ano eu acho que não vai ter [futebol], entendeu? Se está ruim para o profissional, se tá difícil, imagina para a base [...]”. O interlocutor admitia uma condição impraticável do esporte naquelas condições no Brasil, mas sua perspectiva para fora era de que os negócios e o futebol estavam sendo retomados. “[...] Não deve subir ninguém, não deve cair ninguém. [...] Esse ano acho que está como perdido. Mas só fora do país que está se movimentado bem [...]”.

Provavelmente, a situação vivida tivesse proporções distintas internamente em relação ao exterior. Se, por um lado, no Brasil, Edmilson compreendia que não haveria condições propícias para a volta do esporte, por outro, dizia que existiam movimentos para o retorno. De fato, na Europa, a Liga da Alemanha, com rigorosos protocolos de segurança e sem públicos nos estádios, já havia retornado, assim como em Portugal, que retomou logo depois. Na Espanha, a retomada da La Liga Santander foi no dia 11 de junho, com o clássico entre Sevilla e Bétis. Na Itália, a TIM Cup foi reiniciada no dia 12 de junho, com a partida entre Juventus e Milan, pela fase semifinal. Na Inglaterra, os jogos entre Aston Villa e Sheffield United e Manchester City contra o Arsenal aconteceram no dia 17 de junho.

No Brasil, o campeonato carioca estava prestes a voltar. O entrave era que, enquanto Flamengo e Vasco eram a favor do retorno, Fluminense e Botafogo tinham posições contrárias. Contudo, em 16 de junho, com mais de 45 mil óbitos no país por covid-19, a Federação de Futebol do Rio de Janeiro marcou para 18 de junho a partida entre Flamengo e Bangu, no estádio Maracanã<sup>6</sup>, com portões fechados. No mesmo dia, o São Paulo Futebol Clube retornou aos treinamentos, após a liberação do governador João Doria. Até essa data, os treinos físicos eram de maneira virtual, guiados pelos preparadores físicos dos clubes.

No final do mês de agosto, busquei conversar com o Douglas para saber como estava se desenvolvendo o futebol e seus negócios no Brasil, já que muitas competições regionais tinham sido retomadas. “[...] Os clubes continuaram [na interrupção das competições] nos procurando para contratar jogadores assim que as janelas [de transferências] abrirem”. Nesse período, o empresário Edmilson, ao ser perguntado sobre os movimentos dos mercados do futebol, evidenciou que, para ele, a situação estava melhor do que antes da pandemia. “Eu estou fazendo negócios normalmente. Vou te dizer que até melhorou. Foi só uns dois ou

<sup>5</sup> Sem negociações.

<sup>6</sup> Estádio Jornalista Mário Filho, localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

três meses parado. A gente está conseguindo mandar normalmente para fora do país e os clubes têm me procurado muito mais para contratar”. A transitoriedade entre a suspensão e o reinício das competições parece que serviu como uma espécie de tempo para sacramentação de negócios entre clubes, empresários e jogadores. Embora as atividades econômicas pelo mundo estivessem sofrendo as consequências da pandemia, para os negócios do futebol, o novo normal dos circuitos econômicos fora potencializado. Talvez essa noção deva ser mais bem investigada, no entanto, a partir das interlocuções dos nativos, a percepção era de incrementos de ordem capital.

Esse cenário, entretanto, não se reproduziu de forma homogênea em todos os setores do futebol. As categorias de base no Rio Grande do Sul sofreram com a crise sanitária. Em março, o Esporte Clube Novo Hamburgo já havia dissolvido as suas equipes de base. Em junho, chegou a vez do São José de Porto Alegre.

Com as competições suspensas, os familiares dos aspirantes a futebolistas do São José não viam mais justificativa em continuar contribuindo mensalmente para o pagamento de salários da comissão técnica e para as despesas de jogos que não aconteciam<sup>7</sup>. Após reunião, entre pais e coordenadores, fora acordado que todas as categorias, exceto o sub-20, ficariam com suas atividades suspensas. Ato contínuo, quase todos os atletas da categoria juvenil e menores foram dispensados. Com exceção de cinco, que continuariam treinando na equipe sub-20, entre os quais o Manoel, da 2003, filho de um empresário do ramo alimentício, que se comprometeu a ajudar nas despesas da categoria sub-20.

Enquanto o mundo assistia ao avanço da enfermidade, o então treinador do Grêmio, Renato Portaluppi, em 22 de junho, jogava descomprometidamente futevôlei na praia de Ipanema no Rio de Janeiro. Renato, que havia sido liberado dos treinos em Porto Alegre por ser considerado do grupo de risco, foi flagrado pela terceira vez, sem fazer o uso de máscara. A postura aberta de defensor dos ideais bolsonaristas do comandante tricolor, seguindo a polarização entre pró-ciência e negacionistas<sup>8</sup>, dividiu opiniões. Enquanto os primeiros teciam críticas ao comportamento, os outros entendiam que não havia motivo para tamanho alarde.

As janelas de transferências na Europa foram ajustadas pela FIFA, com antecipações para a Espanha e para a Inglaterra. Lá, as janelas seguiram o calendário da La Liga, enquanto no Brasil, a janela ocorreu de 20 de julho a 10 de agosto. Em 11 de julho, a partida entre Avaí e Chapecoense foi suspensa devido a casos de infecção na equipe da Chapecoense. No dia 15 de julho, o Internacional contratou o jovem Yuri Alberto, e Douglas relatou a transferência de um agenciado do Internacional para o Palmeiras. O jovem, com passagem pela seleção brasileira sub-20, não estava mais nos planos do time gaúcho. No dia seguinte, 16 dos 20 clubes da elite do futebol brasileiro divulgaram um manifesto apoiando a Medida Provisória

<sup>7</sup>No início da temporada, ficou ajustado com os familiares dos atletas e com a coordenação técnica que o clube precisaria mensalmente de 15 mil reais para a manutenção. Assim, alguns pais se prontificaram em ratear todos os meses o valor.

<sup>8</sup>Posicionamentos impulsionados por alguns líderes religiosos e políticos.

984/202<sup>9</sup>. Botafogo, Fluminense, Grêmio e São Paulo se recusaram a assinar o documento. No dia 17, o técnico Jorge Jesus deixa o Flamengo para treinar o Benfica de Portugal.

Em 22 de julho, na cidade de Caxias do Sul, aconteceu o Gre-Nal número 425. A partida, por causa da proibição pelo prefeito de Porto Alegre Nelson Marchezan Júnior, alegando situação iminente de mudança de bandeira vermelha para preta<sup>10</sup>, teve que ser realizada na cidade serrana. Sem público nas arquibancadas, a quarta rodada do campeonato gaúcho ocorreu com cinco jogos. No dia 30 de julho, em Porto Alegre, em decorrência de complicações da infecção pelo novo coronavírus, faleceu o vice-presidente do Grêmio Marco Bobsin. Às vésperas do Gre-Nal da final da Taça Francisco Novelto, o governador Eduardo Leite publicou decreto aliviando as exigências nas regiões com bandeira vermelha. A intenção parecia ser para atender aos interesses dos clubes de futebol. No Brasil, nesse período, passavam das 97 mil mortes causadas pelo coronavírus e muitos brasileiros, motivados pelo discurso do então comandante da nação, o qual categorizava a infecção como uma “gripezinha”, continuavam questionando a letalidade do vírus.

Os negócios no futebol, como já era perceptível nas observações realizadas junto aos meus interlocutores atuantes nos bastidores do esporte, começaram a se retomar gradualmente. Em julho de 2020, ganhou destaque na mídia a iminente transferência do jogador gremista Everton “Cebolinha” para o Benfica, em Portugal, com valores aproximados de 25 milhões de euros. Dado que o jogador fora agenciado por um dos meus contatos, busquei entender o processo de transferência internacional em relação a esse caso específico. No entanto, a resposta recebida foi: “não sei mais nada. Não é mais meu cliente.” Ao tentar obter mais informações, a resposta foi ainda mais direta: “Envolveu muito dinheiro.” Essa postura reflete a natureza predominantemente financeira dos interesses dos empresários, corroborando o que já fora mencionado por outros interlocutores do setor. É razoável supor que a perda de um negócio de tal magnitude possa ter gerado considerável desconforto.

No contexto da pandemia, o confronto entre Goiás e São Paulo pelo Campeonato Brasileiro, programado para 9 de agosto, foi cancelado devido à infecção de 10 jogadores do Goiás pelo coronavírus, com a suspensão determinada pela CBF. Em 12 de agosto, no Rio de Janeiro, o número de óbitos havia ultrapassado 14 mil. Contudo, no dia anterior, o Atlético Goianiense obteve permissão da CBF para escalar quatro atletas que haviam testado positivo para covid-19 na partida contra o Flamengo, alegando que os jogadores estavam em estágio final de contaminação. Na mesma data, enquanto o Barcelona era eliminado pelo Bayern na Liga dos Campeões da UEFA, o Paraná e o Juventude enfrentavam mais uma partida afetada

<sup>9</sup> O texto diz que “pertence à entidade de prática desportiva mandante o direito de arena sobre o espetáculo desportivo, consistente na prerrogativa exclusiva de negociar, autorizar ou proibir a captação, a fixação, a emissão, a transmissão, a retransmissão ou a reprodução de imagens, por qualquer meio ou processo, do espetáculo”.

<sup>10</sup> Ação instituída pelo governo estadual que dividia o Rio Grande do Sul por regiões para melhores ações de combate ao coronavírus, de acordo com as peculiaridades locais. Conforme o grau de risco de contágio, cada região recebia uma bandeira nas cores amarela, laranja, vermelha ou preta. Nesse gradiente de cores, o menor risco recebia bandeira amarela, enquanto o maior risco, preta.

pela pandemia. A equipe gaúcha entrou em campo no Estádio Durival Britto, em Curitiba, sem quatro jogadores, pois estavam infectados. Na Série B do Campeonato Brasileiro, o Sampaio Corrêa não pôde enfrentar o Brasil de Pelotas na data prevista, 23 de agosto, devido à infecção de 14 jogadores. No dia seguinte, na Itália, iniciou-se a testagem de um novo tipo de vacina.

Em 28 de agosto, enviei mensagens via WhatsApp para os interlocutores Reynaldo, Edmilson, Cláudio e Douglas, com o intuito de preencher algumas lacunas restantes antes de concluir a fase empírica da pesquisa. Perguntei sobre as perspectivas para os negócios no atual cenário. Douglas indicou um período positivo, afirmando que “[...] nesses meses de pandemia, fechamos com uns oito a nove atletas. Todos com parceria. Sem precisar pegar de ninguém.” Ele já havia mencionado anteriormente que a pandemia não afetou negativamente seus negócios e que, na verdade, vislumbrava um desenvolvimento para sua empresa. Reynaldo compartilhou uma visão semelhante, relatando que “nunca esteve ruim, mas com a abertura da janela, as coisas melhoraram. Os clubes com os quais trabalhamos têm dinheiro. Então, não mudou muita coisa.” Edmilson expressou um cenário mais contrastante, afirmando que, no início, temia a paralisação total do futebol, mas observou que a situação melhorou ao longo do tempo. Além disso, Cláudio apresentou uma perspectiva menos otimista, relatando que, embora tenha levado um jogador para a Arábia Saudita, perdeu contratos com outros jogadores, indicando que “o cenário já esteve melhor” para ele. Acredito, portanto, com base nas percepções dos empresários de futebol, que esses atores sociais podem se encaixar em um circuito econômico (Zelizer, 2005), tecido por uma malha de fios vitais (Ingold, 2015), variados em ambientes, que as pessoas se articulam constantemente por diversos conjuntos sociais (Zelizer, 2009).

## Conclusões

Este estudo buscou explorar as complexidades e dinâmicas do “futebol digital” em tempos de pandemia, utilizando uma abordagem etnográfica para compreender como práticas e interações típicas do futebol foram adaptadas ao ambiente virtual. A partir das observações realizadas, evidenciou-se que o fenômeno do futebol digital vai além de uma mera transposição de práticas físicas para o meio on-line; ele configura uma nova forma de engajamento e interação que, por sua vez, redefine as tradições e rituais do esporte.

Ao longo do texto, discutiu-se como a pandemia acelerou a integração das tecnologias digitais no cotidiano dos torcedores e praticantes do futebol, criando novas formas de sociabilidade e participação. Essa adaptação, embora emergencial, mostrou-se inovadora, revelando potencialidades que podem persistir mesmo após o retorno às práticas presenciais.

No entanto, é importante considerar as implicações desse novo cenário para o futuro do futebol. A transformação digital do esporte, embora ofereça novas oportunidades, também apresenta desafios, especialmente no que diz respeito à manutenção dos aspectos comunitários

e culturais tradicionais que sempre caracterizaram o futebol. Em suma, as reflexões propostas neste estudo apontam para a necessidade de uma análise contínua do futebol digital, à medida que esse fenômeno se desenvolve e se consolida no pós-pandemia. Ao entender como essas novas práticas influenciam o esporte, será possível antecipar as direções do futebol e, de forma mais ampla, das interações sociais mediadas pelo digital.

## References

- Boehl, W. R. (2021). *Empresários de futebol em ação: Etnografias multissituacionais* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/230369>
- Boehl, W. R., & Myskiw, M. (2021). Uma breve análise das relações entre intermediários e jogadores de futebol menores de 16 anos. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 19(2), 27–33. <https://doi.org/10.36453/cefe.2021.n2.27215>
- Cardoso de Oliveira, R. (1996). O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, 39(1), 13–37. <https://www.jstor.org/stable/41616179>
- Damo, A. S. (2003). Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. *Movimento*, 9(2), 129–156. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2807>
- Fonseca, C. (2017). Lá onde, cara pálida? Pensando as glórias e os limites do campo etnográfico. *Revista Mundaú*, 2, 96–118. <https://doi.org/10.28998/rm.2017.n.2.3148>
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Guanabara/Koogan.
- Ingold, T. (2012). Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, 37, 25–44.
- Ingold, T. (2015). *Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Vozes.
- Mauss, M. (2003). Ensaio sobre a dádiva. In M. Mauss (Ed.), *Sociologia e antropologia* (pp. 183–314). Cosac & Naify.
- Pacheco, A. C., Silveira, R. da, & Stigger, M. P. (2020). Etnografias: Notas sobre percursos teóricos-metodológicos de produção de conhecimento na educação física. *Motrivivência*, 32(61), 1–15. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020.e61637>
- Peirano, M. (2008). Etnografia, ou a teoria vivida. *PontoUrbe*, 2(2). <https://n-a-u.org/pontourbe02/Peirano.html>
- Stigger, M. P. (2007). Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: Pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In M. P. Stigger, F. González, & R. da Silveira (Eds.), *O esporte na cidade: Estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos* (pp. 31–50). Editora da UFRGS.
- Wacquant, L. (2002). *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Relume-Dumará.
- Wagner, R. (2010). *A invenção da cultura*. Cosac Naify.

- Zelizer, V. A. (2005). Circuits within capitalism. In V. Nee & R. Swedberg (Eds.), *The economic sociology of capitalism* (pp. 311–342). Princeton University Press. <https://doi.org/10.1515/9780691217932-015>
- Zelizer, V. A. (2009). Dualidades perigosas. *Mana*, 15(1), 237–256. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132009000100009>
- Zelizer, V. A. (2012). How i became a relational economic sociologist and what does that mean? *Politics & Society*, 40(2), 145–174. <https://doi.org/10.1177/003232921244159>

## Como citar

Reyes Boehl, W., Castro Ignacio, M., & Myskiw, M. (2025). Tiempos extraños: etnografía del “fútbol digital” desde casa. *Cuerpo, Cultura Y Movimiento*, 15(2), 25–38. <https://doi.org/10.15332/2422474X.10174>